

Exame Final Nacional de Português Língua Segunda

(Alunos com surdez severa a profunda)

Prova 138 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2024

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

É permitida a consulta de dicionário de língua portuguesa.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

O episódio é conhecido: contou-o Platão¹. Tales de Mileto², absorvido pelas ideias, olhava para o céu quando caiu a um poço. Uma criada trácia³, muito simples, quase analfabeta, presenciou a cena e desatou às gargalhadas.

Teimaram alguns historiadores em classificar como não verdadeira a anedota⁴; outros
5 reduziram-na a mera ilustração da conhecida distração dos sábios.

Cumpram-nos, pois, repor a verdade e avançar um pouco. Tudo ocorreu como se conta, e mais: a criada, nesse instante, apaixonou-se por Tales de Mileto, o sábio.

A casa onde se vive, bem o sabemos, é a outra parte do corpo; a roupa, essa, a casa mais próxima. Nela, na criada, os tecidos eram pobres; nele, no sábio, desleixados⁵. Nos dois, a
10 diferença entre quem se esquece da aparência, porque obcecado no que existe por detrás do visível, e quem não se pode lembrar dela, pois não tem meios para a manter elevada, distinta.

O nome dela era Lianor. Acrescentamos: de Mileto. Haviam, pois, crescido na mesma cidade e no mesmo tempo, Lianor e Tales.

[...] Lianor trabalhara desde sempre – e quem assim faz não desenvolve filosofias [...].
15 Tales, pelo contrário, cedo começara a desenhar o seu destino de filósofo. Nele a sorte de ter nascido alguns metros acima do chão. Primeiro trabalho: a preguiça.

Quisera tocar-lhe antes, mas só naquele momento o conseguiu: depois de terminar com o riso, a criada trácia – Lianor – estendeu a mão para o fundo do poço e puxou Tales de Mileto de novo para a terra, para a superfície; para o quotidiano.

20 «Quando o abrigo é seguro, a tempestade é boa», e o certo é que o filósofo em nada se arrependeu da queda, tanto lhe agradaram as consequências: aquele calor calmo e direto da mão da criada.

Por dias, Lianor ganhou esperanças; cedo, porém, as perdeu. Dos filósofos e dos poetas sabe-se pouco; no entanto, uma certeza: não são como os outros; não mudam. [...]

25 Para Tales, pessimista, o tempo só trazia atributos negativos: magreza à saúde, fraqueza à força.

Paixão significava desilusão; e é o entusiasmo da noite que, mais tarde, de manhã, nos fará ficar sem forças – pensava Tales.

30 Recusou então Lianor; não por sobranceira⁶, mas por prudência⁷. As mulheres guardam no corpo a serpente, sempre pensara.

Desespero em Lianor, claro, como em qualquer mulher rejeitada.

Quis morrer: atirou-se ao mar.

Tales interrompeu a sua tarefa de olhar para o que é impossível ser visto, ouvira os gritos dos habitantes de Mileto:

35 – Lianor desaparecera nas águas!

Tales correu para a praia. Olhou para o fundo:

– Este mar matou – disse. – Está calmo de mais.

Indisciplinado por natureza, depois deste acontecimento Tales transformou-se. Levantava-se agora, todas as manhãs, a hora certa.

40 O que fazia?

Ele, o filósofo, o sábio, pegava no barco, que enchera de arroz na véspera, e entrava no mar. À medida que avançava ia atirando arroz à água, como se esta fosse um ser com fome.

– Se os peixes e a água comerem arroz, os peixes e a água esquecerão a carne de Lianor. Assim pensava Tales, o sábio.

45 Durante vinte e cinco anos ele manteve o mar alimentado com arroz. Jurava, no entanto, não o fazer por amor; era orgulhoso. Dizia:

– Sou investigador. Quero estudar a água.

Gonçalo M. Tavares, «A História de Lianor de Mileto», *Histórias Falsas*, Lisboa, Relógio D'Água, 2019, pp. 23-25.

NOTAS

¹ *Platão* (linha 1) – filósofo grego que viveu nos séculos V e IV a. C.

² *Tales de Mileto* (linha 1) – filósofo grego que viveu nos séculos VII e VI a. C.

³ *Trácia* (linha 2) – natural da Trácia, região da Europa.

⁴ *anedota* (linha 4) – relato de um episódio humorístico relacionado com a vida de uma figura célebre.

⁵ *desleixados* (linha 9) – que evidenciam falta de cuidado no modo de vestir.

⁶ *sobranceira* (linha 29) – altivez; característica de quem se acha superior aos outros.

⁷ *prudência* (linha 29) – cautela; precaução.

Apresente as suas respostas aos itens **1.**, **2.**, **3.** e **5.** de forma bem estruturada.

* **1.** Refira as opiniões dos historiadores e a opinião do narrador acerca do episódio relatado por Platão.

* **2.** Releia o texto da linha 14 à linha 19.

Identifique dois traços psicológicos que caracterizam Lianor.

* **3.** Releia o texto da linha 20 à linha 24.

Explícite os efeitos que o incidente do poço causou em Tales e em Lianor.

* **4.** Selecione a opção que permite obter uma afirmação adequada.

Tales recusou o amor de Lianor, porque refletiu sobre

- (A) a ofensa causada pelo riso da criada.
- (B) a possibilidade de ela deixar de ser bela.
- (C) a diferença social existente entre ambos.
- (D) a sensatez de evitar uma paixão ilusória.

* **5.** Descreva duas das atitudes de Tales de Mileto, depois de Lianor se ter atirado ao mar.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

A montanha protege e separa, o mar amedronta mas une. Os Gregos não estavam encerrados nos seus compartimentos¹ montanhosos. O mar envolvia todo o país, penetrava profundamente nele. Havia pouquíssimos cantões², mesmo recuados, que o mar não atingisse.

5 Mar temível, mas tentador e mais aliciante que qualquer outro. Sob um céu claro, na atmosfera límpida, o olhar do nauta³ descobre a terra numa ilha montanhosa a cento e cinquenta quilómetros de distância. Vê-a como «um escudo pousado sobre o mar».

10 As costas do mar grego oferecem portos numerosos, ora praias de declive⁴ suave, para onde os marinheiros podem à noite puxar os seus leves barcos, ora portos de água profunda, protegidos por paredes rochosas, onde as grandes naves⁵ de comércio e os navios de guerra podem ancorar ao abrigo dos ventos.

Um dos nomes que o mar toma em grego significa estrada. Ir pelo mar é ir pela estrada. O mar Egeu é uma estrada que, de ilha em ilha, conduz o marinheiro da Europa à Ásia sem que ele perca nunca a terra de vista. Estas cadeias de ilhotas parecem calhaus lançados por garotos num regato⁶ para o atravessarem, saltando de um para outro.

15 Não há um cantão grego donde não se distinga, subindo a qualquer elevação, uma toalha de água que reflete no horizonte. Nem um ponto do Egeu que esteja a mais de sessenta quilómetros de terra. Nem um ponto da terra grega a mais de noventa quilómetros do mar.

20 As viagens são baratas. Algumas dracmas⁷ e estamos no cabo do mundo conhecido. Alguns séculos de desconfiança e pirataria, e os Gregos, mercadores ou poetas, por vezes uma coisa e outra, tomam contacto amigável com as velhas civilizações que os precederam. [...] O mar grego não é a pesca do atum e da sardinha, é a via das permutas com os outros homens, a viagem ao país das grandes obras de arte e das invenções surpreendentes, do trigo que cresce basto nas vastas planícies, do ouro que se esconde na terra e nos rios, a viagem ao país das maravilhas, tendo por única bússola a carta⁸ noturna das estrelas. Para além do mar, 25 há uma grande abundância de terra desconhecida para descobrir, cultivar e povoar. Todas as grandes cidades, a partir do século VIII, vão plantar rebentos nas cidades novas em terra nova. Os marinheiros de Mileto fundam noventa cidades nas margens do mar Negro. E de caminho fundam também a astronomia.

30 Concluindo: o Mediterrâneo é um lago grego de caminhos familiares. As cidades instalam-se nas margens dele «como rãs ao redor de um charco», diz Platão. [...] O mar civilizou os Gregos.

André Bonnard, *A Civilização Grega*, tradução de José Saramago, Lisboa, Edições 70, 2007, pp. 21-22.

NOTAS

¹ *compartimentos* (linha 2) – partes; zonas.

² *cantões* (linha 3) – divisões territoriais e administrativas.

³ *nauta* (linha 5) – marinheiro; navegador.

⁴ *declive* (linha 7) – inclinação de um terreno.

⁵ *naves* (linha 9) – embarcações; navios.

⁶ *regato* (linha 14) – ribeiro; riacho.

⁷ *dracmas* (linha 18) – moedas gregas.

⁸ *carta* (linha 24) – mapa.

Para responder aos itens de 1. a 6. e 8., selecione a opção que permite obter uma afirmação adequada.

1. De acordo com o primeiro parágrafo, a geografia do território grego favorece

- (A) o isolamento dos residentes nas montanhas.
- (B) o aumento da população nas zonas do litoral.
- (C) o contacto entre habitantes por via marítima.
- (D) o trânsito de pessoas e bens em segurança.

* 2. A referência aos «leves barcos» (linha 8) e às «grandes naves» (linha 9) evidencia

- (A) a dificuldade em navegar no mar grego.
- (B) a resistência das embarcações gregas.
- (C) a perigosidade da orla marítima grega.
- (D) a importância dos múltiplos portos gregos.

3. De acordo com o texto, as viagens permitiram aos Gregos

- (A) travar conhecimento com civilizações antigas.
- (B) negociar alimentos, como a sardinha ou o trigo.
- (C) estabelecer acordos de paz entre as metrópoles.
- (D) desenvolver a economia, a astronomia e a filosofia.

* 4. O antecedente das palavras «um» e «outro» (linha 14) é

- (A) «marinheiro» (linha 12).
- (B) «calhaus» (linha 13).
- (C) «garotos» (linha 14).
- (D) «regato» (linha 14).

5. A expressão em que está presente uma comparação é

- (A) «Estas cadeias de ilhotas parecem calhaus» (linha 13).
- (B) «uma toalha de água que reflete no horizonte» (linhas 15 e 16).
- (C) «tendo por única bússola a carta noturna das estrelas» (linha 24).
- (D) «Todas as grandes cidades, a partir do século VIII, vão plantar rebentos» (linhas 25 e 26).

6. Na frase «As viagens são baratas.» (linha 18), o verbo utilizado é

- (A) transitivo direto.
- (B) copulativo.
- (C) intransitivo.
- (D) auxiliar.

* 7. Complete a afirmação seguinte, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registe apenas as letras – a), b) e c) – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

Na expressão «do ouro que se esconde na terra e nos rios» (linha 23), a palavra «que» pertence à classe dos _____ a) _____, introduz uma oração subordinada _____ b) _____ e, nesta oração, desempenha a função sintática de _____ c) _____.

a)	b)	c)
1. advérbios	1. adverbial final	1. sujeito
2. quantificadores	2. adjetiva relativa	2. complemento direto
3. pronomes	3. substantiva completiva	3. complemento oblíquo

* 8. No último parágrafo do texto, o uso dos dois pontos introduz

- (A) uma citação.
- (B) uma enumeração.
- (C) uma consequência.
- (D) uma síntese.

* GRUPO III

Observe a reprodução da escultura-instalação intitulada *Vénus dos Trapos*, da autoria de Michelangelo Pistoletto, e leia a nota.



Michelangelo Pistoletto, *Vénus dos Trapos*, 1974, in www.tate.org.uk (consultado em setembro de 2023).

NOTA

Vénus – deusa romana da beleza e do amor, correspondente a Afrodite na mitologia grega.

Num texto bem estruturado, de 120 a 180 palavras, faça uma apreciação crítica da imagem.

O seu texto deve incluir:

- a descrição da imagem, referindo os principais elementos que a compõem;
- um comentário crítico, em que destaque a relação da obra com o seu título;
- uma conclusão adequada ao ponto de vista desenvolvido.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2024/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – de 120 a 180 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido (até 2 pontos);
 - um texto com extensão inferior a 40 palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	3.	4.	5.	2.	4.	7.	8.		
Cotação (em pontos)	15	15	15	14	15	4 x 14 pontos				42	172
Destes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	Grupo II										Subtotal
	1.	3.	5.	6.							
Cotação (em pontos)	2 x 14 pontos										28
TOTAL											200